



REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO LITERÁRIA DO ARMÊNIO PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL

Reflections on Literary Translation from Armenian to Brazilian Portuguese

Deize Crespim Pereira¹

Fernando Januário Pimenta²

Resumo: Este artigo tem por objetivo refletir sobre questões de tradução da literatura armênia para a língua portuguesa. A partir da tradução da poesia popular trovadoresca armênia (Kutchak, 2021), de poemas de autores modernos e contemporâneos (Pereira, 2020) e de contos populares de Hovhannes Tumanian (Pimenta, 2022), abordamos: o trabalho filológico de seleção dos originais em armênio; aspectos da gramática armênia, tal como o gênero; questões lexicais, tais como regionalismos, expressões coloquiais e polissemia; e elementos próprios da cultura armênia e de seu sistema conceitual. O texto mostra como as reflexões sobre o processo de tradução podem contribuir como estratégia de ensino-aprendizado de armênio como língua estrangeira.

Palavras-chave: Tradução armênio-português. Ensino de armênio como língua estrangeira. Literatura armênia.

Abstract: This article aims to reflect on issues of translating Armenian literature into Portuguese. Taking the translation of popular Armenian bard poetry (Kutchak, 2021), poems by modern and contemporary authors (Pereira, 2020) and folk tales by Hovhannes Tumanian (Pimenta, 2022), we approach: the philological work of selecting the originals in Armenian; aspects of Armenian grammar, such as gender; lexical issues, such as regionalisms, colloquial expressions, and polysemy; as well as elements of Armenian culture and its conceptual system. The text presents how reflections on the translation process can contribute as a strategy for teaching-learning Armenian as a foreign language.

Keywords: Armenian-Portuguese translation. Teaching Armenian as a foreign language. Armenian Literature.

¹ Professora da área de Língua e Literatura Armênia do Departamento de Letras Orientais (FFLCH/USP) e orientadora no PPG-LETRA (Letras Estrangeiras e Tradução), na área de Estudos Linguísticos, do Departamento de Letras Modernas (FFLCH/USP). Tem graduação em Letras (Armênio e Português) pela Universidade de São Paulo (1998), Mestrado em Letras (Filologia e Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (2004), Doutorado em Letras (Filologia e Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (2007) e Livre-Docência em Letras (Literatura Armênia) pela Universidade de São Paulo (2021). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8157-3000>. E-mail: deize.pereira@usp.br.

² Professor da área de Língua e Literatura Armênia do Departamento de Letras Orientais (FFLCH/USP). Tem Graduação em Letras (Armênio e Português) pela Universidade de São Paulo (2013), Mestrado em Letras (PROFLETRAS) pela Universidade de São Paulo (2016) e Doutorado em Letras (Estudos da Tradução) pela Universidade de São Paulo (2022). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1643-0932>. E-mail: fernando.pimenta@usp.br.



1 Introdução

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre algumas questões de tradução da literatura armênia para a língua portuguesa. Para tanto, utilizamos exemplares de poemas trovadorescos (Kutchak, 2021), de poemas de autores modernos e contemporâneos (Pereira, 2020) e de contos populares de Hovhannes Tumanian (Pimenta, 2022).

Iniciamos o texto na seção 2, com a abordagem da questão da marcação x não marcação de gênero na língua armênia, e de como esta influi na interpretação e na tradução de poemas trovadorescos atribuídos a Nahapet Kutchak. A seção 3 discorre sobre o trabalho filológico e o estudo lexical exigidos pela tradução de contos populares de Hovhannes Tumanian.

Na seção 4, argumentamos como a tradução de regionalismos, expressões coloquiais, termos polissêmicos e elementos próprios da cultura armênia e de seu sistema conceitual presentes em poemas modernos e contemporâneos, bem como nos contos populares de Tumanian, demandam uma estratégia diferenciada, que preserve elementos do original na tradução ao mesmo tempo em que os torne acessíveis aos falantes da língua portuguesa – inclusive àqueles que estão adquirindo a língua armênia como língua estrangeira. Sugerimos que a criação de um glossário pode servir como uma ferramenta de aquisição da língua.

2 Tradução da poesia trovadoresca de Nahapet Kutchak: a questão do gênero

O conjunto de poemas convencionalmente atribuídos ao trovador armênio do século XVI Nahapet Kutchak³ (Նահապետ Գուշակ, 15-- -1592) foi obra de muitas mãos. Estima-se que foram compostos oralmente por bardos anônimos, entre os séculos XIII e XVIII, tendo sido documentados somente nos séculos XIX e XX. Esses artistas populares, conhecidos como *ashugh* (աշուղ, da palavra árabe *ashik*, ‘amante’), eram poetas ambulantes que viajavam de cidade em cidade, sendo às vezes honrados e largamente recompensados e outras vezes entregues à miséria. Com frequência eram cegos e venerados como personagens santos, como os dervixes muçulmanos. Nas províncias da Armênia e em todo o território do Cáucaso, podiam ser encontrados até o início do século XX. O historiador franco-armênio Hiranth Thorossian (1951) nota que havia também mulheres exercendo o ofício de cantantes. Nas regiões da Anatólia, era comum encontrar mulheres carpideiras que, durante as cerimônias familiares (casamento, funeral, etc.), agregavam estrofes a cantos já conhecidos, ou improvisavam conforme a inspiração do momento.

Quando examinamos esse conjunto de poemas compostos na oralidade, que ficaram conhecidos como *hayrens* (singular: հայրեն; plural: հայրենիներ), vemos que se caracterizam em boa parte como canções de amor nas quais um eu-lírico masculino se dirige à mulher amada. Todavia, alguns claramente contêm uma voz feminina como eu-lírico⁴, e muitos não são marcados quanto ao gênero. Os três poemas a seguir ilustram, respectivamente, essas três possibilidades.

³ As transliterações das palavras armênias mencionadas ao longo do artigo seguem dois critérios: 1. O Armênio Oriental; 2. A pronúncia do português brasileiro. Assim, grafamos Kutchak, não Kuchak – como o nome está estabelecido em inglês –, uma vez a segunda forma daria ambiguidade inexistente à pronúncia. O ã de *dustër* (դստեր, “filha”) pronuncia-se de forma semelhante ao “ã” nasalizado de “irmã”.

⁴ O fato de conter um eu-lírico feminino não quer dizer, necessariamente, que se trate de uma composição de autoria de uma mulher, tampouco que fosse recitada por ela. Em outras palavras, o bardo armênio pode construir um eu-lírico feminino no seu poema, tal como se vê nas cantigas de amigo galego-portuguesas.



Խօշ եարիկ, կարե՛ս գիտել
դու զիմ գալըս քեզ գիշերով.
Եկի, գրեզ ի քուն գրտայ,
պագ առի հագար համարով.
Չըգիտեմ՝ ի քուն էիր,
թե՛ տըլիր դու սըրտի կամով.
կամ խիղճ ի մըտիդ քերիր,
թե մանուկ մ՛եկեր գիշերով: (Kutchak, 2021, p. 55)

Meu amorzinho, será que tu sabes
Que eu vim a ti à noite passada,
Vim e te encontrei dormindo
E roubei beijos aos milhares?
Não sei se estavas dormindo,
Ou se deste de coração,
Ou se ficaste com a consciência pesada
Por se apartar do garoto ao cair da noite. (Kutchak, 2021, p. 56)

Լուսիկ բոլորեր 1՛եկեր,
– Ես ի քու խարիպդ ի նըման:
– Խըպնե՛ 1՛ամչնե՛ լուսի՛կ,
ո՛ր տեղդ իմ խարիպիս նըման:
Խարիպըս թուխ աչք ուներ,
թուխ յուներ ու շուշման բերան.
Շըրթունք շուրթեղեն ուներ,
սըմա թել պեխերն ի վըրան: (Kutchak, 2021, p. 69)

A lua cheia veio e disse:
– Eu me pareço com o teu vagabundo.
– Tenha vergonha nessa cara, Lua!
Como você se parece com o meu vagabundo?
Meu vagabundo tinha olhos pretos,
Sobrancelhas negras e uma bela boca,
Tinha lábios encarnados e bem delineados
E um bigode como fios de ouro. (Kutchak, 2021, p. 70)

Այս ծովական գիշերս ի քուն՝
ես երկու շրջան մանեցի.
Խօշ եարս այլ ի միտս ընկաւ,
թեզ մ՛ելայ, զջահրաս վերուցի.
Փարչիկ մ՛այլ գինի առի,
խօշ եարիս դուռն գընացի,
- Խօշ եար, ա՛մ, ըզդո՛ւռն բաց,
ձիւն եկեր, ոտվիս կու մըսի: (Kutchak, 2021, p. 38)

Durante esta noite fria e na madrugada,
Eu teci duas meadas,
Mas meu amor veio à minha mente,
E eu parei meu trabalho,
Apanhei um cântaro de vinho,
E fui à porta de meu amor.
– Amor, abre a porta,
Tem neve no chão e meus pés estão congelando. (Kutchak, 2021, p. 38)

No primeiro poema, o ser amado é descrito de forma neutra como “meu amorzinho”, mas o termo “garoto”, o qual pode ser interpretado como uma autorreferência, marca o eu-lírico como masculino. No segundo poema, o eu-lírico questiona a semelhança que a lua diz ter com



seu “vagabundo”. Descrevendo seus olhos, sobrancelhas, lábios e bigode, parece desejar afirmar a superioridade da beleza e da virilidade dele em comparação com a lua. É relevante notar que, na mitologia armênia, a lua pode ser conceptualizada tanto no gênero feminino quanto no masculino – o artigo definido que acompanha o substantivo “lua” é neutro, diferentemente do que ocorre em português.

A língua armênia não possui gênero gramatical, mas somente lexical. Isto quer dizer que, embora existam palavras diversas para designar, por exemplo, homem x mulher ([տղա]մարդ / [tgha]mard/ x կին /kin/), filho x filha (որդի /vordi/ x դուստր /dustēr⁵), o gênero não é marcado em sua gramática. Inclusive, utiliza-se a mesma forma pronominal para se referir a ele/ela (նա /na/), independentemente do gênero. Assim, embora a lua possa assumir o gênero feminino, ela às vezes é conceptualizada como um homem jovem que se apaixona pela donzela sol (Ananikian, 1925; Abeghyan, 2012).

Não foram encontrados poemas homoafetivos nos *hayrens* medievais, talvez pelo fato de a sociedade armênia ser muito conservadora e patriarcal e censurar relações homossexuais até os dias de hoje (Carroll; Quinn, 2009). No terceiro poema acima, os termos “meu amor” e “amor” (este usado como vocativo no penúltimo verso) podem se referir, em português, tanto a um homem, quanto a uma mulher, o que permite preservar na tradução a não indicação de gênero do referente, presente no original. A atividade descrita no poema – o ato de tecer – não está relacionada, na cultura armênia, ao universo feminino: era comum que os homens aprendessem a profissão de tecelão, como exemplifica a biografia do poeta do século XVIII Sayat Nova (1712-1795) (Pereira, 2017).

Queremos aqui chamar a atenção para o conjunto de fatores que demandam a atenção do tradutor do armênio e do estudante de língua armênia como língua estrangeira, que deve se atentar não somente para as características gramaticais dessa língua, mas também para o universo cultural, as crenças e os costumes da sociedade armênia.

Examinemos o original em armênio e as versões em inglês e português do *Hayren* 81.

Quadro 1 – Comparação entre traduções do *Hayren* 81

<p>Իմ բարձրագրնա՛ց լուսին, շատ բարե՛ւ տար իմ կիւզելին: – Չբարեւդ ես ի ն՛ր տաննեմ, չեմ գիտեր ըզտունն կիւզելին: – Գընա ի վերայ թաղին, բարձրը պատ ու ծառն ի միջին. Նըստեր ի ծառի շրքին, կը խըմէ իր լուրջ սպիկին, Խըմէ ու հայրէն կ’ասէ. Թ’ «Ի՛նչ սնուչ է սերն ու գինին»: Kutchak (2021, p. 57)</p>	<p>Go, Moon, to my beloved And of my love remind her. – How can I remind her of your love? I don’t know where to find her. – Float up over the city: There’s a high wall and a tree, And under it, with a pale-blue cup, Drinking sweet wine, sits she. Drinking and singing a <i>hayren</i>: “Love and wine – what ecstasy...” Hacikyan (2002, p. 1047)</p>	<p>– Ó, minha lua, que voa alto, Leva muitas lembranças ao meu amor. – Como vou levar tuas lembranças? Não sei onde é a casa de teu amor. – Flutua sobre os bairros. Há um muro alto e uma árvore, Sob a árvore ele está sentado Bebendo em seu copo azul celeste. Bebendo e recitando um <i>hayren</i>: “Quão doces são o amor e o vinho.” Kutchak (2021, p. 58)</p>
--	--	---

Fonte: Hacikyan (2002, p. 1047); Kutchak (2021, p. 57-8).

Este é mais um exemplar daqueles não marcados quanto ao gênero no original em armênio. Na tradução em inglês, optou-se por descrever a pessoa amada como uma mulher, ao passo que, na tradução em português, o ser amado é masculino. Os primeiros termos que aparecem nas respectivas traduções (“*my beloved*”, “meu amor”, “teu amor”) podem ter como

⁵ “Dustēr” (դուստր, “filha”) tem uso conectado a situações mais formais, ao passo que o termo cotidiano para “filha” é a mesmo usado para “menina”: aghdjik (սոջիկ).



referente ambos os sexos. Porém, os pronomes pessoais, tanto na versão em inglês (“*her*”, “*she*”) quanto na tradução para o português (“*ele*”) condicionam uma leitura de um referente, respectivamente, feminino e masculino. Embora o pronome “*ele*”, na tradução em português, possa ser interpretado como uma anáfora de “*meu amor*”, intuitivamente, ao lermos o poema, sobressai o sentido exofórico, e é mais provável que interpretemos o pronome como referindo à pessoa amada “*no mundo real*”, por assim dizer. Em outras palavras, uma tradução alternativa poderia utilizar “*ela*” como correferente de “*meu amor*”, sem concordância de gênero. A decisão pelo gênero masculino na tradução em português se fundamenta na situação social. Até os dias atuais, a sociedade armênia é intolerante em relação a mulheres que exercem um papel social visto como masculino (Grigorian, 1995). Ora, a liberdade para beber e cantar à noite é mais condizente com o que essa sociedade relaciona a um comportamento tipicamente masculino. Mas a tradução é sempre uma interpretação do original, e não há como o tradutor se esquivar deste trabalho. Se considerarmos que a pessoa que canta, bebe e recita um *hayren* está intramuros, protegida em sua casa, podemos admitir a possibilidade de essa pessoa ser do gênero feminino.

Retomemos a consideração da necessidade do domínio da cultura da qual se traduz, e não somente da língua estrangeira, à luz do poema reproduzido em seguida.

Quadro 2 – Comparação entre traduções do *Hayren 7*

<p>Լուսի՛ն, պարծենաս, ասես. «Լուս կու տամ ես աստընվորիս»: Ահա՛ հողեղէն լուսին ի գրրկիս՝ ւ երեսն երեսիս, Թէ չես աստպ այս գերուս, յն՛տ տանեմ ըզփէշ կապայիս, Վախեմ՝ սիրոյ տէր լինիս, լուս պակա՛ս տաս աստընվորիս: Kutchak (2021, p. 17)</p>	<p>Moon, you boast and say, “I bring light to a dark world.” But here I hold the earthly moon, her face warm against mine. And should you not believe a slave like me, I’d pull the blanket down – Except I’m afraid you too would tumble into love, and so shed less light upon the world. Hacikyan (2002, p. 1051)</p>	<p>Lua, tu te vanglorias e dizes: “Dou luz a este mundo”. Mas eis que aqui eu abraço a lua terrena, Sua face junto a minha face. E se tu não acreditas neste escravo, Eu até levantaria a saia de minha batina, Mas temo que tu também te apaixonarias, E menos luz sobre o mundo irradiarias. Kutchak (2021, p. 18)</p>
---	--	--

Fonte: Hacikyan (2002, p. 1051); Kutchak (2021, p. 17-18).

Os trovadores eram discriminados pela comunidade religiosa armênia, que os via como cantores de músicas satânicas que cultuavam os prazeres mundanos, opondo-se diametralmente ao ideário cristão, de valorização do espírito e do plano divino. Justamente por serem hostilizados pelos cristãos, sendo barrados até nas igrejas, os trovadores retribuía esse sentimento negativo com poemas provocativos, que frequentemente conceitualizavam o corpo feminino como um santuário: “– Teu seio é um templo branco; tuas tetas, lâmpadas e velas./ Deixa-me ser o sacristão encarregado de acender teu templo” (Kutchak, 2021, p. 40). Ora, o poema a seguir é mais um exemplar deste tipo. Ao utilizar os termos “saia de minha batina” (ըզփէշ կապայիս), o poeta constrói a imagem de um eu-lírico padre, que se delicia com sua “lua terrena”, e, ao se dirigir à lua celeste, se gaba da atração exercida por seu membro sexual, pelo qual ela também se apaixonaria, caso ele lhe mostrasse, levantando sua saia. Não há dúvida de interpretação no original, neste caso. Todavia, o tradutor em inglês parece ter censurado o poema, ignorando completamente a figura do padre, ao substituir “saia de minha batina” por “cobertor” (“*blanket*”). Assim, ele subverte completamente o sentido provocativo do original e o gênero da pessoa amada, já que se subentende que, ao levantar o cobertor, a lua avistaria não a ele (o padre), mas a “lua terrena”, a mulher amada, apaixonando-se por ela. Ressalte-se que a



singular de “hek’iat’ner”), é mais complexa, podendo ser entendida como “conto de fadas”, “estória”, e até mesmo, metafórica e jocosamente, como “conto do vigário” (história inventada, mentirosa). Daí o entendimento adotado, de “contos populares armênios”. Essa denominação parte de uma análise intrínseca, que considera somente a própria obra do autor. Nota-se, todavia, que edições posteriores preferiram a anotação encurtada “hek’iat’ner”. Essa palavra, disposta assim sozinha, gera a tradução: “contos de fadas”.

Pode-se proceder, por outro lado, a uma abordagem extrínseca à obra do autor na escolha por “contos populares”. O literato italiano Benedetto Croce, em seu “Prefácio” (1925) à tradução ao italiano de *O conto dos contos: Pentameron* (2018), usa diversos termos para se referir aos contos (*Cunto de li cunti*, publicados postumamente entre 1634-1636) que traduziu de Giambattista Basile (1566-1632): “contos de fadas populares” (Basile, 2018, p. 535); “contos de fadas tradicionais do povo” (Basile, 2018, p. 542); “contos populares” (Basile, 2018, p. 542); e “contos dos ogros e das fadas” (Basile, 2018, p. 544). Em suma, Croce emprega múltiplas denominações de modo sinônimo, não estabelecendo diferença ou incompatibilidade entre “contos de fadas” e “contos populares”.

Ademais, no que toca à variedade de denominações para o gênero literário em questão, Thomas Frederick Crane (1844-1927), professor de línguas românicas da Universidade de Cornell em Ithaca, Nova Iorque, lançou em 1885, em língua inglesa, a coletânea de 109 estórias por ele traduzidas com o título *Italian popular tales (Contos populares italianos)*. Crane reitera, no Prefácio e na Introdução, o termo “contos populares” – por exemplo, quando afirma que a necessidade de seu livro, primeira compilação de forma sistemática e abrangente desse gênero literário popular italiano, devia-se ao “interesse crescente pelos contos populares da Europa” (Crane, 1885, p. v).

Assim, apesar de não se impedir uma possível tradução dos contos de Tumanian por “contos de fadas”, essa denominação abreviada não daria conta de traduzir a expressão completa usada nas edições de 1930 e 1949: “contos populares de fadas armênios” ou “contos de fadas populares armênios” – embora seja possível traduzir assim – não são expressões comuns em língua portuguesa. São essas reflexões que guiaram a tradução do título dessa parte da obra de Tumanian como “contos populares armênios”¹⁰.

4 Elaboração de glossário como estratégia de tradução e ensino da língua armênia

Ao se pensar tradução, não devemos nunca negligenciar o seu público-alvo – aqui, o brasileiro e o lusófono de forma geral. Neste caso, vale traduzir não só a literatura armênia, mas também elementos-chave de sua cultura, para um público que geralmente tem pouca ou nenhuma familiaridade com ela, inclusive os estudantes em estágio inicial. A atividade de tradução de uma língua estrangeira compreende também traduzir uma cultura própria.

Isto fica claro quando tentamos encontrar um equivalente na língua alvo. Nas traduções do armênio para o português, esta foi uma das estratégias adotadas, como ilustrado no poema a seguir:

Ai se eu bebesse do vinho tinto de tuas bochechas e me embriagasse;
Se entrasse no Jardim do Éden de teu peito e colhesse tuas maçãs;

¹⁰ As traduções integrais e anotadas de 12 dos 22 contos estão disponíveis digitalmente na tese *12 contos populares armênios (Հայ ժողովրդական հեքիաթներ) de Hovhannes Tumanian: tradução, glossário e notas* (Pimenta, 2022), referenciada ao final.

Se me deitasse em tuas tetas e tirasse um cochilo.
Que nesse dia o Anjo da Morte venha e leve minha alma! (Kutchak, 2021, p.44)

Neste poema, o eu-lírico se expressa por meio de orações condicionais (“Se eu bebesse...”; “Se entrasse...”; “Se me deitasse...”), que podem ser vistas como a expressão de seus desejos – a modalização “ai se” reforça ainda mais a intensidade do desejo, a ânsia. As bochechas são vinho, remetendo a sua cor. O peito da mulher é conceitualizado como o paraíso. Assim, ele roga ao Anjo da Morte que o leve quando seu desejo for satisfeito. Algo comparável à expressão em português: Se morrer agora, eu morro feliz.

Ocorre que “Anjo da Morte” é uma tradução adaptada para Գրող (Grogh), literalmente “escriba”, “escritor”. Este era o epíteto do deus pagão Tir ou Dir, secretário de Aramazd (pai de todos os deuses), encarregado de listar os nomes dos homens que estavam para morrer (Ananikian, 1925). Para compensar a perda semântica, uma nota de rodapé com esta explicação foi inserida na tradução do poema em questão.

Em outra obra, *Poesia armênia moderna e contemporânea* (Pereira, 2020), que reúne poemas de 15 consagrados autores armênios modernos e contemporâneos traduzidos para o português por professores e alunos do curso de Língua e Literatura Armênia da FFLCH/USP, a estratégia foi inserir um glossário, elaborado por Lucca Tavano Bacal, com termos que aparecem nos poemas e são ao mesmo tempo específicos do universo armênio e desconhecidos para a maioria de nós, tais como: topônimos, personalidades históricas, autores da literatura armênia, heróis épicos, deuses pagãos, instrumentos musicais, etc.

Examinemos o poema de Siamanto (1878-1915), “Prece de Navassard à Deusa Anahid”.

Ó Deusa, purguei minha consciência das religiões fracas,
e caminho esplendidamente em direção a Ti. Minhas sandálias ainda são sagradas.
Abre os portões de mármore de Teu templo, que eu sangro contra eles perante Ti...
Abre o altar e dá-me a força rubra de meus antepassados Artaxianos...
Ouve-me, Mãe de ouro, Irmã fértil, Irmã da bondade,
Doadora de abundância, Antiga senhora dos armênios,
nesta manhã de *Navassard*, em que Tua raça primeira se alegra!...
Permite-me ajoelhar e rezar diante de Tua imagem...

Ouve-me, Rosa milagrosa, Deusa dos pés dourados,
Noiva branca da noite, Amante do sol,
Nudez de corpo de luz, Leito nupcial de Aramazd.
Que com um só raio de sol já se ilumine Teu altar...
Eu creio em Ti. Erguido sobre os montes de Bagrevand,
eu, idólatra secular, Teu filho lanceiro,
como um apóstolo suplicante me dirijo a Ti nobremente, –
ouve-me, e ao meu *bambir* armênio nascido na terra de Goghten...

Venho para fazer meus votos. Com um manto em minhas costas e ramos verdes de
bálsamo em minhas mãos.
Eis o regador prateado com seiva de rosa para ungir Teus seios...
Eis o incensário em forma de ânfora, onde estão as lágrimas que chorei por Tua
destruição!...
E cervas divinas seguem minha sombra enquanto caminho em direção a Ti...
Que a vida pagã flua dos montes de Bagrevand,
que os filhos do sol de belo porte, vestidos de túnicas brancas de linho,
versados no arco e flecha e na lança, no limiar do altar de sacrifício,
cravem suas espadas no pescoço dos enormes touros...



Que dos ombros das férteis noivas armênias um bando de pombas brancas
voe em direção a Ti. Que se iniciem as brincadeiras com água de *Vardavar!*...
E que as garotas de dezesseis anos dançam em volta de Teu altar,
que ofereçam seus corpos encantadores a Ti, ó Grande mãe da prudência...
Conduze Tua vingança hoje, depois de vinte séculos, ó Deusa Anahit.
Eis que lanço no fogo de Teu altar
os dois braços envenenados de minha cruz de madeira destrocada,
e alegre-Te, ó Mãe de ouro, enquanto queimo para Ti o osso repugnante da costela do
Iluminador...
Eu suplico a Ti, ó Tu, Poderosa e inigualável beleza...
Dá Teu corpo ao sol e sê fecundada por ele,
e dá à luz um terrível e invencível deus para os armênios...
De Teu útero diamante, ó Deusa, pare para nós um deus formidável!... (Pereira, 2020,
p. 90-92)

O léxico parece confirmar a hipótese do relativismo linguístico: de que existe uma conceptualização própria aos membros de uma língua e cultura (Lakoff, 1987). Neste caso, a tradução fidedigna para um termo equivalente na língua alvo se mostra uma impossibilidade. Mas não se trata meramente do léxico, mas sim de todos os *frames*¹¹ (“molduras”) que esse léxico evoca na mente de um leitor do original em armênio.

No poema acima, o *frame* em questão é a cultura pagã. O eu-lírico se refere a múltiplos elementos da cultura armênia pertencentes a este *frame*: artaxianos (dinastia armênia fundada por Artashês no século I a.C., quando houve aquela que é considerada a primeira independência da Armênia da história); Goghten, a principal província onde se cultuavam os cantos do tempo pagão; *bambir*, o instrumento de corda que os trovadores tocavam ao recitar os cantos; e Bagrevand, um dos antigos distritos da província armênia de Ayrarat, palco de uma insurgência contra o domínio árabe.

O poema é dedicado à deusa Anahit, conhecida como grande “Senhora dos armênios”, amante do deus Aramazd, “Mãe de ouro” (por causa das estátuas de ouro que a representavam), e em homenagem a quem queimavam rosas (“Rosa milagrosa”) em festas pagãs, como *Vardavar* (palavra cuja etimologia é justamente “queima de rosas” remetendo à celebração das deusas pagãs) e *Navassard* (ano-novo pagão em que os armênios faziam jogos, competições, sacrifícios animais aos deuses e encenavam peças de teatro). Essas festas são até hoje celebradas na Armênia. *Vardavar* é uma festa que atualmente espelha um sincretismo religioso, na medida em que os armênios mantêm rituais pagãos (por exemplo, espirrar água uns nos outros) ao mesmo tempo em que celebram a Festa cristã de Transfiguração de Cristo.

Vejamos como ficaram duas entradas do glossário, explicitando o significado cultural de “Anahit” e de “O Iluminador”.

ANAHIT (variedade ocidental: Anahid / arm: Անահիտ): divindade incorporada ao panteão armênio através da campanha missionária encomendada por Artaxerxes II

¹¹ Em sua Semântica do emoldramento (“Frame Semantics”), Fillmore (1982) define a noção de *frame* (“moldura”) como o modo estruturado a partir do qual uma cena é apresentada ou relembrada. O autor propõe que os elementos que compõem o *frame* são naturalmente associados: falar de um elemento da moldura é falar dos outros ao mesmo tempo (cf. também Talmy, 2003 a,b). Fauconnier e Sweetser (1996) observam que os *frames* são motivados por nossa experiência física, social e cultural. Lakoff e Johnson (1980) também veem estas categorizações como naturais, sendo um produto de nosso corpo, nossa interação com o mundo físico e com nossa cultura. Essas molduras estão presentes tanto no processo de formulação das expressões como no processo de interpretação por parte do receptor do texto, e assim constituem um pano de fundo para compreendê-lo.



(359 – 404 a.e.c.), que almejava espalhar um zoroastrismo reformulado, bastante afeito não apenas a Ahura Mazda, mas também às representações de Mitra e Nahid (ou Anahita, “Limpa e não contaminada”). Anahita é uma divindade da mitologia zoroastriana atrelada à fertilidade e às poderosas águas limpantes, fonte de todas as águas da Terra. Ela é responsável por limpar o esperma masculino, o útero feminino e o leite materno. Há quem proponha que Anahita seja uma variação da deusa babilônica/elamita Nanə. O panteão armênio, à época da chegada e intensa incorporação do culto a Anahit, era composto por Aramazd, seu filho Mihr e suas duas filhas, Nane, deusa do conhecimento e da virtude, e Astghik, deusa do amor, da água e da tristeza. Anahit inicia sua incursão na mitologia armênia como uma terceira filha de Aramazd, mas logo suplanta suas irmãs em importância, herdando localmente as características e certas práticas (como a prostituição ritual) de suas antecessoras. A ela eram realizados sacrifícios animais por meio do fogo (Pereira, 2020, p. 307).

ILUMINADOR/ GREGÓRIO ILUMINADOR / KRIKOR LUSSAVORÍTCH (v.oc.: Grigor Lussavoritch. Arm: Կրիկոր լուսավորիչ): Primeiro catolicôso armênio. Descrito por Agathangelos como o primeiro a pregar o evangelho na Armênia após a passagem de São Judas Tadeu e São Bartolomeu, apóstolos diretos de Cristo. De acordo com o folclore local, Gregório e Tridates III, rei armênio da dinastia arshácida, seriam ambos filhos de dois nobres que se traíram em nome do controle do trono. Enquanto Tridates III teria sido educado em Roma, tomando o trono a posteriori, Gregório teria sido enviado para a Antióquia, onde teria se feito um sacerdote piedoso. Agathangelos também conta que, ao se recusar a prestar reverência a uma estátua da deusa Anahit, Gregório teria sido condenado por Tridates a um terrível suplício no Khor Virap (masmorra cujo nome é, literalmente, “buraco profundo”). Gregório então teria sido libertado décadas mais tarde, quando o rei, ao assassinar uma comitiva de moças cristãs, teria sido acometido por licantropia, transformando-se em um porco selvagem. Gregório teria curado o rei através do batismo e construído a igreja de Etchmiadzin por sobre um templo pagão, assim dando início ao processo de cristianização da Armênia (Pereira, 2020, p. 311).

O poeta, no âmbito da literatura moderna, contrapõe o paganismo ao cristianismo, associando o primeiro ao espírito rebelde dos armênios e o último à passividade, ao conformismo e à resignação. Cabe destacar que estas associações são próprias da cultura armênia e do contexto no qual o poeta estava inserido, no século XIX, quando a Armênia, novamente subjugada, estava sob domínio dos impérios turco-otomano no Ocidente e russo na parte oriental (Sapsezian, 2010). O poeta espera, deste modo, reviver o espírito guerreiro dos armênios para que este lute por liberdade, atirando ao fogo, em homenagem à deusa Anahit, a relíquia cristã – o osso da costela de Gregório, o Iluminador, responsável pela declaração do cristianismo como religião oficial da Armênia no início do século IV – e implorando à deusa para parir um deus invencível.

Na tradução dos contos populares armênios de autoria de Tumanian, igualmente utiliza-se a estratégia de incluir um glossário (Pimenta, 2022). A criação desse glossário ocorreu por dois motivos centrais: 1. Vários termos empregados são regionalismos, expressões coloquiais, ou referem-se especificamente a aspectos próprios da cultura armênia. Como resultado, não eram encontrados em dicionários, mesmo monolíngues; muitas vezes, somente após detida busca virtual era possível entender o sentido e o uso de tais termos, a partir de outros contextos nos quais apareciam. No caso de outras palavras, o único resultado em ferramentas on-line de busca era o próprio texto que estava sendo traduzido; 2. Não há um dicionário português-armênio¹² ou armênio-português.

¹² Exceto o dicionário publicado por Charles Apovian (1929-2021), o qual, no entanto, não é mais reeditado, e não fornece um conjunto de acepções de cada palavra, explicações ou exemplificações de uso – mesmo se



Além desses motivos básicos, somam-se outras possibilidades oferecidas pelo glossário: disponibilizar ao público brasileiro, e a todos interessados em aprender a língua armênia, o primeiro glossário bilíngue de contos populares armênios, com exemplos de uso e com o recorte específico de textos de Hovhannes Tumanian, alcançando mais de 800 entradas. Nesse glossário ainda se encontram: a) as fórmulas iniciais dos contos (“Era uma vez...”, “Tempos atrás...”), sistematizadas com suas respectivas traduções para o português; b) exemplificações de exclamações, onomatopeias e imprecações (quando um personagem, irritado, lança pragas a outro) e c) sugestão de como traduzi-las. Com efeito, exclamações, onomatopeias e imprecações não constam em nenhum dicionário armênio consultado. Conforme o glossário foi adquirindo entradas, foi feita ao máximo sua expansão, para que assim abrangesse o maior número possível de palavras contidas nos contos, justamente diante da urgência de se criar um recurso acessível e didático para o ensino-aprendizagem de língua armênia por falantes do português brasileiro e – por que não – mesmo por falantes de outras variedades do português.

Seguem três entradas do glossário:

Figura 1 – Palavra հիմի

հիմի (reg. de հիմա) * adv. agora; **հիմի. լիւարստաւսու** * agora você vai enricar. (O
HOMEM DESMIOLADO)

Fonte: Pimenta (2022, p. 338).

Na Figura 1 está a microestrutura da entrada “հիմի” (hi-mí, oxítone, sendo o “h” pronunciado), tal qual é apresentada no glossário, composta dos seguintes elementos estruturados para facilitar a consulta e a aprendizagem: a) a entrada com inicial minúscula, e em negrito, para destaque; b) entre parênteses, sempre que necessário, alguma explicação adicional; neste caso, de que é um regionalismo da palavra “հիմա” (hi-má – o “h” também é pronunciado). Sempre que houver a remissão, nos parênteses, a um outro vocábulo, fez-se o esforço de inserir, também, o vocábulo referido no glossário; c) a marcação escolhida para separar as partes da entrada, internamente, foi o triângulo composto de três pequenos círculos; d) atribui-se a categoria gramatical (abreviação de “advérbio”, nesse exemplo) do vocábulo; e) a definição do vocábulo, por uma ou mais acepções, e, sempre que for o caso, mais formas pelas quais ele é traduzido, a depender do contexto em que surgiu nos contos; f) um excerto ou mais, extraídos dos contos, e a referência ao conto em que aparece o vocábulo – a intenção é expor a palavra funcionando dentro de um contexto sintático, não isoladamente; assim, o excerto em armênio é destacado do restante da entrada por vir todo sublinhado com traço simples e contínuo, com exceção do próprio termo da entrada, que vem sempre sublinhado com pontilhado, para destacá-lo; g) a tradução do excerto, sublinhando com pontilhado o trecho que diz respeito ao termo da entrada; h) entre parênteses, o título por extenso e em caixa alta do conto em que o vocábulo se encontra, para que quem consulte sempre saiba de onde foi extraído, podendo ir diretamente ao conto para ver o contexto ampliado de ocorrência do vocábulo em questão; se há mais de um conto em que o vocábulo aparece, o glossário faz o possível para indicar essas outras ocorrências, em especial quando a tradução do termo difere entre um e outro conto por exigências contextuais.

A elaboração das acepções do glossário seguiu as acepções presentes em dicionários bilíngues físicos (Baratyan *et al.*, 2011; Grigoryan, Khachik; Grigoryan, Zaruhi, 2011; Seferian

consultado, não se auxilia, particularmente, o tradutor, pois somente uma definição por entrada não soluciona as questões mais complexas e frequentes de tradução.

et al., 2009; Tekeyán, 1984); ora bilíngues, ora monolíngues e virtuais: isto é, dicionários que não apresentavam acepção/definição traduzida para todas as palavras (Dicionário Wikibararan, 2022; Nayiri, 2022); e por fim dicionários monolíngues virtuais (Dicionário Bararan Online, 2022; Malkhasyants, 2022).

A palavra “լ” é ilustrada aqui (Figura 2), uma vez que sua definição deixa muito a desejar em qualquer dicionário bilíngue. O termo é muito presente na língua armênia, assumindo uma gama de sentidos, como se constata nas acepções que coligimos a seguir, e sua presença no texto deve sempre ser compreendida contextualmente. Por esse motivo, foi selecionada maior diversidade de trechos capazes de ilustrar diferentes formas como esse termo polissêmico pode ser traduzido a partir de entendimentos distintos, e assim se chegou a sete excertos dos contos. Se considerada essa entrada em particular, que aborda o termo “լ” de forma bilíngue, tendo-se em vista sua complexidade interna e a riqueza proporcionada por sete exemplos com sete traduções diferentes do termo, obtém-se um estudo conciso pensado para a formação do estudante e do futuro tradutor de armênio que a consulta. Qual o intuito de uma entrada com essa complexidade? Qual é o público-alvo? O intuito central é gerar compreensão para um termo desafiador, apresentando os contextos em que se manifesta como indícios que apontam para as formas como pode ser traduzido. O público-alvo dessa entrada, em particular, e do glossário como um todo, em geral, são todas as pessoas alfabetizadas em armênio que estudem o idioma e que saibam português.

Figura 2 – Palavra “լ”

լ (Dicionário Expositivo de Sinônimos da Língua Armênia, SUKIASIAN, 2009, p. 313) (Հայոց լեզվի հոմանիշների բացատրական բառարան; [LINK](#)), registra (tradução e grifos nossos): **ԷԼ (adv.)** 1. Այլևս (não mais); 2. (դարձյալ) outra vez, (ևս) também, (եղի) de novo, mais, ainda, (կրկին, նորից) de novo; 3. (նույնպես) assim como, igualmente, (ևսև) também; (ալ) Arm. Oc. vermelho; 4. conj. (եվ) e, (ևսև) e, enquanto, mas; 5. conj. (թեկուզ) mesmo, pelo menos, (թեպետև) embora, (չնայած) apesar de; 6. (զոնե) mesmo que/se (concessão); 7. (բա՛) que; de fato, (հասլա) então, (մի՞թե) ora, pois, será, mesmo, de fato (expressa raiva, indignação, descontentamento); 8. (հանկարծ) de repente, já (expressa algo inesperado); 9. (բոլորովին) de todo, completamente, totalmente, todo, bem, (այլևս) não mais (demonstra caráter absoluto ou extremo de algo); 10. (նույնիսկ անգամ) (com pronomes interrogativos, realça a pergunta); Էլ զիջեր էլ - bem nessa noite (O SINISTRO PANÓS); ջներն էլ ձենի վրա վեր են կենում - mas os cachorros haviam despertado com sua voz (O SINISTRO PANÓS); Ես էլ չգիտեմ - Eu também não sei (VIAJANTES); Շունն էլ համաձայնեց - E o cachorro concordou (VIAJANTES); Աստված բարի տա ձեզ էլ, երկու ախպորն էլ - Que Deus abençoe tanto a você como aos dois irmãos (O SENHOR E O SERVO); հազար մանեթ տուգանքն էլ արձում - recebeu, pois, os mil rublos de multa (O SENHOR E O SERVO); Ախպեր, էլ չեմ ուզում լեզ հետ կենամ - Irmão, não quero mais ficar aqui com você (O ESPERTO E O TOLO)

Fonte: Pimenta (2022, p. 311-312).

Por último, é apresentada uma entrada ilustrada, na Figura 3 a seguir. O recurso de ilustrar entradas só foi utilizado em casos nos quais a descrição não seria suficiente para compreender o termo explicado.



Figura 3 – Palavra “k’urk” (ou “kurk”)

քուրք «մուշտակ» → *kurk* (transliteração simplificada de *k’urk’*); casaco (de pele). Pensou-se em peliça em português, mas, como se vê na imagem que ilustra o verbete, *kurk* (ou *k’urk’*) é uma peça específica de roupa. Peliça, além de arcaizante, pode também referir-se não necessariamente ao vestuário, mas a uma colcha ou coberta, o que não é o caso do casaco armênio. Kurk é um casaco, geralmente espesso e feito de pele, para o gélido inverno, podendo chegar à cintura ou ser comprido como um sobretudo, protegendo a extensão do corpo; մորթին մի մարդու քուրք դուրս կգա O couro dela dá para o *kurk* de uma pessoa (O PEIXE FALANTE)



Fonte: <http://treasury.am/storage/media/m28kcR7UYFjGdizB.jpg>.

Fonte: Pimenta (2022, p. 379).

Na Figura 3, há necessidades de revisão para formatação da entrada: a palavra que segue a entrada (“մուշտակ” – mushtak, “espécie de casaco”) deveria ser delimitada por parênteses com a indicação de que este é um sinônimo. Apontamos esse deslize, ou essa lacuna, porque o que estamos expondo neste artigo são ferramentas voltadas à aprendizagem que estão em constante construção, elaboradas por professores de Armênia (língua, literatura e cultura) que se deparam com as dificuldades e as angústias inerentes ao aprendizado de uma língua manifestadas por seus estudantes. No entanto, o que deve ser evidenciado aqui é o aspecto fundamental de se ter a imagem de um item cultural que se aproxima do que chamamos de casaco, estando mais próximo de um sobretudo, mas sem no entanto ser nenhum desses dois. Como essa, há outras ilustrações ao longo do glossário, sempre que um item, por mais minuciosa que fosse a descrição, pudesse não ser compreendido em razão de suas peculiaridades ou mesmo de sua unicidade. A menção a essa veste, ilustrada, aparece uma única vez, em um único conto dos doze que foram traduzidos – e curiosamente só temos encontrado referência a ela nos sobrenomes de alguns descendentes armênios, os quais localizamos na Diáspora (fora da Armênia), nomeados Kurkdjian. Para encontrar esse vocábulo, foi necessária a consulta a uma enciclopédia específica, publicada ainda na Armênia Soviética e digitalizada. Nenhum outro dicionário consultado continha essa palavra.

5 Considerações finais

A análise de traduções de textos da literatura armênia exposta neste artigo aponta para a importância do trabalho filológico de seleção dos originais em armênio e reflete sobre aspectos da gramática armênia, tais como o gênero; questões lexicais, como regionalismos, expressões coloquiais e polissemia; e elementos próprios da cultura armênia e de seu sistema conceptual. Essas reflexões sobre o processo de tradução podem contribuir como estratégia de

http://eanc.net/EANC/library/Fiction/Original/Tumanyan_Hovhannes/Tales_3.htm?page=1&interface_language=en. Acesso em: 31 out. 2022.

FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve. Cognitive Links and Domains: Basic Aspects of Mental Space Theory. *In*: FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve (ed.). **Spaces, Worlds and Grammar**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1996, p. 1-28.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. *In*: Linguistic Society of Korea (ed.). **Linguistics in the morning calm**: selected papers from SICOL-1981. Seoul: Hanshin Publishing, 1982. p. 111-138.

GRIGORIAN, Stella. **Inch ka chka and other paradoxical clues into soviet Armenian society**. 1995. Tese de Doutorado. Houston (Texas): Rice University, 1995. Disponível em: <https://scholarship.rice.edu/bitstream/handle/1911/19098/9610647.PDF?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 31 out. 2022.

GRIGORYAN, Khachik; GRIGORYAN, Zaruhi. **New English-Armenian dictionary**. Yerevan: Ankyunacar, 2011.

HACIKYAN, Agop J. (coord.). **The heritage of Armenian literature**: from the sixth to the eighteen century. Detroit: Wayne State University Press, 2002.

KOHA ONLINE CATALOG. **Hay girk**: Armenian book. Disponível em: <https://haygirk.nla.am/>

KUTCHAK, NAHAPET. **Poemas da tradição oral trovadoresca da literatura armênia**. Edição bilíngue: armênio-português. São Paulo: FFLCH/USP, 2021. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/771>. Acesso em 31 out. 2022.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1980.

MALKHASYANTS, Stepanos. **Dicionário explicativo do armênio** [Հայերեն բացատրական բառարան]. Yerevan: Haykakan SSR, 1944-1945. 4 v. Disponível em: http://www.nayiri.com/imagedDictionaryBrowser.jsp?dictionaryId=6&dt=HY_HY. Acesso em: 31 out. 2022.

NAYIRI. **Նայիրի**. Disponível em: <http://nayiri.com/>. Acesso em 31 out. 2021.

PEREIRA, Deize Crespim. Poemas em língua armênia do trovador Sayat-Nova: uma tradução em português. *In*: PEREIRA, Deize Crespim; HAWI, Mona Mohamad; MENEZES JR., Antonio José Bezerra de (org.). **Estudos da Ásia**: artes, tradução e identidades culturais. São Paulo: FFLCH/USP, 2017. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/179>. Acesso em 31 out. 2022.



TUMANYAN, Hovhannes. **Coletânea das obras** [Երկերի ժողովածու]. Yerevan: Haypethrat, 1950. v. 1. Disponível em: http://haygirk.nla.am/cgi-bin/koha/opacdetail.pl?biblionumber=4316&query_desc=kw%2Cwrdl%3A%20%D4%B5%D6%80%D5%AF%D5%A5%D6%80%D5%AB%20%D5%AA%D5%B8%D5%B2%D5%B8%D5%BE%D5%A1%D5%AE%D5%B8%D6%82. Acesso em: 31 out. 2022.

TUMANYAN, Hovhannes. **Coletânea das obras**: em quatro volumes [Երկերի ժողովածու: չորս հատորով]. Yerevan: Hayastan, 1969. v. 4. Disponível em: http://haygirk.nla.am/cgi-bin/koha/opacdetail.pl?biblionumber=129565&query_desc=kw%2Cwrdl%3A%20%D5%AA%D5%B8%D5%B2%D5%B8%D5%BE%D5%A1%D5%AE%D5%B8%D6%82. Acesso em: 31 out. 2022.

TUMANYAN, Hovhannes. **Obras seletas** [Ընտիր երկեր]. Yerevan: Sovetakan grogh, 1978. (Hay dasakan gradaran). Disponível em: http://haygirk.nla.am/cgi-bin/koha/opacdetail.pl?biblionumber=31012&query_desc=kw%2Cwrdl%3A%20%D5%A8%D5%B6%D5%BF%D5%AB%D6%80%20%D5%A5%D6%80%D5%AF%D5%A5%D6%80. Acesso em: 31 out. 2022.

TUMANYAN, Hovhannes. **Coletânea das obras completas em dez volumes** [Երկերի լիակատար ժողովածու տասն հատորով]. Yerevan: Gitutyun, 1994. 10 v. Disponível em: https://hy.wikisource.org/wiki/%D4%BB%D5%B6%D5%A4%D5%A5%D6%84%D5%BD:%D4%B9%D5%B8%D6%82%D5%B4%D5%A1%D5%B6%D5%B5%D5%A1%D5%B6%D5%AB_%D4%B5%D4%BC%D4%BA_%D5%B05.djvu. Acesso em: 31 out. 2022.

TUMANYAN, Hovhannes. **Contos de fada** [Հերիաբներ]. [S.l.]: Indo-European Publishing, 2014.

WIKIDARAN (ENCICLOPÉDIA WIKI). **Contos populares armênios** (Հերիաբներ) de Hovhannes Tumanian. Disponível em: https://hy.wikisource.org/wiki/%D4%B9%D5%B8%D6%82%D5%B4%D5%A1%D5%B6%D5%B5%D5%A1%D5%B6%D5%AB_%D5%B0%D5%A5%D6%84%D5%AB%D5%A1%D5%A9%D5%B6%D5%A5%D6%80. Acesso em: 31 out. 2022.

Recebido em agosto de 2025

Aprovado em outubro de 2025.